

Alívio nas contas externas

VICENTE NUNES

DA EQUIPE DO CORREIO

As contas externas brasileiras estão deixando de ser um entrave para o crescimento econômico do país, ainda que o ajuste definitivo leve anos para ser concluído. Segundo o diretor de Política Econômica do Banco Central, Afonso Beviláqua, os números do balanço de pagamentos brasileiros, no qual são contabilizadas todas as operações com o exterior, indicam claramente que o país está menos dependente do capital estrangeiro e, se quiser, pode abrir mão de um novo acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI). "As contas fecham sem o dinheiro do Fundo", afirmou.

Pelas novas projeções do BC divulgadas ontem, as transações correntes do país com o exterior — que incluem, além do saldo comercial, despesas e receitas com juros, viagens internacionais, fretes, seguros, remessas de lucros e dividendos e transferências unilaterais — fecharão o ano com um déficit de US\$ 1,2 bilhão, ante um rombo de US\$ 4,2 bilhões estimado há três meses. No ano passado, o déficit foi de US\$ 7,7 bilhões. Em 1998, ano em que o Brasil quebrou e recorreu pela primeira vez ao FMI, o buraco chegou a US\$ 33,4 bilhões. "Na nossa avaliação, as transações podem fechar 2003 com déficit menor que US\$ 1,2 bilhão ou mesmo com superávit. Estamos sendo muito conservadores na nossa projeção", destacou.

Nos oito primeiros meses deste ano, as transações correntes acumularam saldo positivo de US\$



ALTAMIR LOPES PREVÉ SUPERÁVIT DE US\$ 1 BI NAS TRANSAÇÕES CORRENTES

portações em US\$ 20,5 bilhões, US\$ 3 bilhões a mais que o previsto em junho. Além do fraco desempenho da economia, que vem inibindo as compras de produtos no exterior, contribuiram para o aumento das exportações a conquista de novos mercados, as cotações favoráveis do dólar e a recuperação dos preços de vários produtos agrícolas.

Para 2004, a projeção de saldo na balança comercial é de US\$ 16,5 bilhões. O resultado menor que o deste ano, explicou Beviláqua, decorrerá do aumento das importações, por causa do crescimento econômico. O BC prevê que as compras no exterior crescerão 14,5% no ano que vem. Esse comportamento, entretanto, não provocará grandes pressões sobre o dólar, já que o fluxo de recursos estrangeiros para o país continuará forte, seja por meio da emissão de títulos no ex-

terior pelo governo federal e por empresas privadas, seja por intermédio dos investimentos diretos, que deverão alcançar US\$ 13,5 bilhões em 2004. Neste ano, os investimentos diretos ficarão, segundo o BC, em US\$ 10 bilhões.

Em meio ao cenário positivo, um ponto fez soar o alarme do mercado: o volume de vencimentos de títulos programados para 2004. Serão US\$ 40,6 bilhões, na soma de papéis públicos e privados. A maior parte dessas dívidas foi contraída no final do ano passado e no primeiro semestre de 2003, quando ainda os investidores tinham muito receio com o governo Lula. No entender de Beviláqua, os títulos serão 100% renovados e por prazos maiores. Ele disse ainda que o Tesouro Nacional captará US\$ 5,5 bilhões para fazer frente a seus pagamentos. As emissões de bônus da República deverão começar em 2003.



UM BOM MOMENTO

As transações correntes do Brasil com o exterior, que incluem as importações, as exportações, os fluxos de investimentos e os gastos com serviços, registraram em agosto o melhor resultado para o mês desde 1980

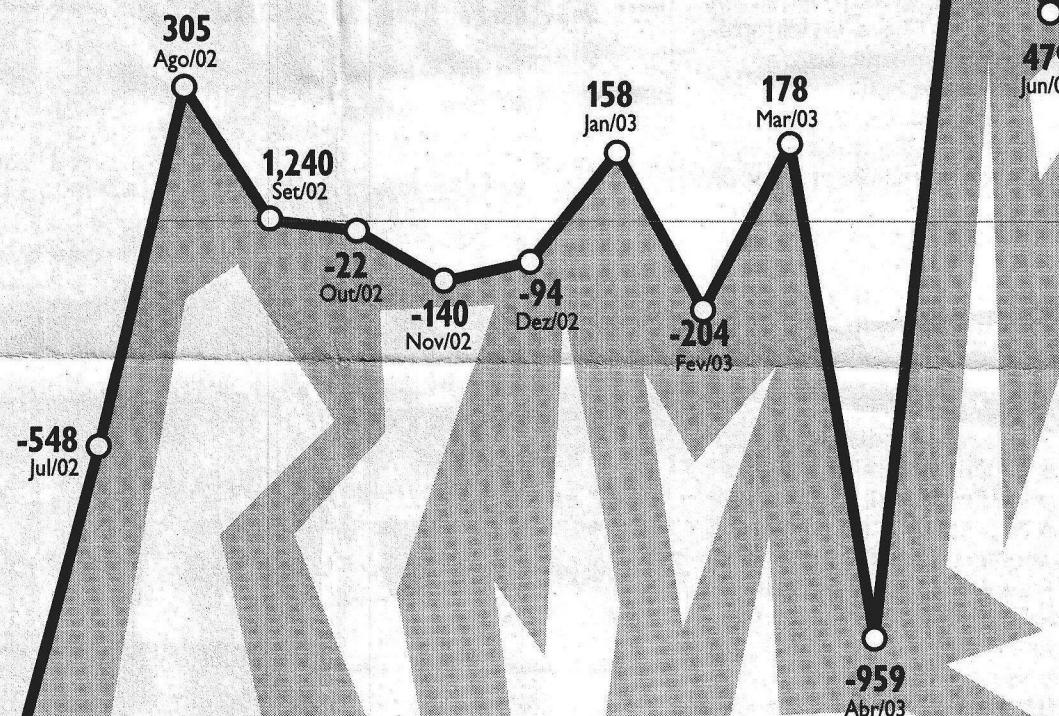
Em milhões US\$

1.220 Ago/03

884 Mai/03

744 Jul/03

479 Jun/03



País tem moeda de negociação com FMI

Apesar de os números mostrarem que o Brasil já fecha as contas sem a ajuda do Fundo Monetário Internacional (FMI), André Petersen, diretor da Máxima Asset Management, disse que a renovação do acordo com a instituição funcionará como um seguro. "Nunca se sabe o que vai acontecer no mercado externo. O melhor é ter um acordo flexível à disposição do país do que ter de correr ao FMI na hora do sufoco", afirmou.

De janeiro a agosto último, o balanço de pagamentos do Brasil — no qual são computadas todas as transações com o exterior — registrou saldo positivo de US\$ 9,513 bilhões. Descontados os empréstimos do FMI no período, de US\$ 8,220 bilhões, o resultado final cai para um superávit de US\$ 1,293 bilhão. Em 2002, feita a mesma conta, haveria um rombo de US\$ 11,178 bilhões.

Para Petersen, o forte ajuste

das contas externas pode funcionar como uma moeda de negociação nas conversas com o FMI, para que o país consiga vantagens que o acordo em vigor não proporciona. "O Brasil está em uma posição muito confortável. Tanto que decisão sobre um novo acordo não será mais técnica e, sim, política", destacou.

Na opinião do economista Dany Rappaport, diretor da Tática Asset Management, diante do quadro confortável no balanço de pagamentos o Brasil deveria se arriscar a caminhar com pernas próprias. "Tal decisão seria boa para os dois lados. Para o Brasil, não haveria tanto nervosismo para o cumprimento das metas fiscais e de inflação. Para o FMI, não sobraria a culpa se o país não crescer no ano que vem, como se espera", assinalou.

Dívidas

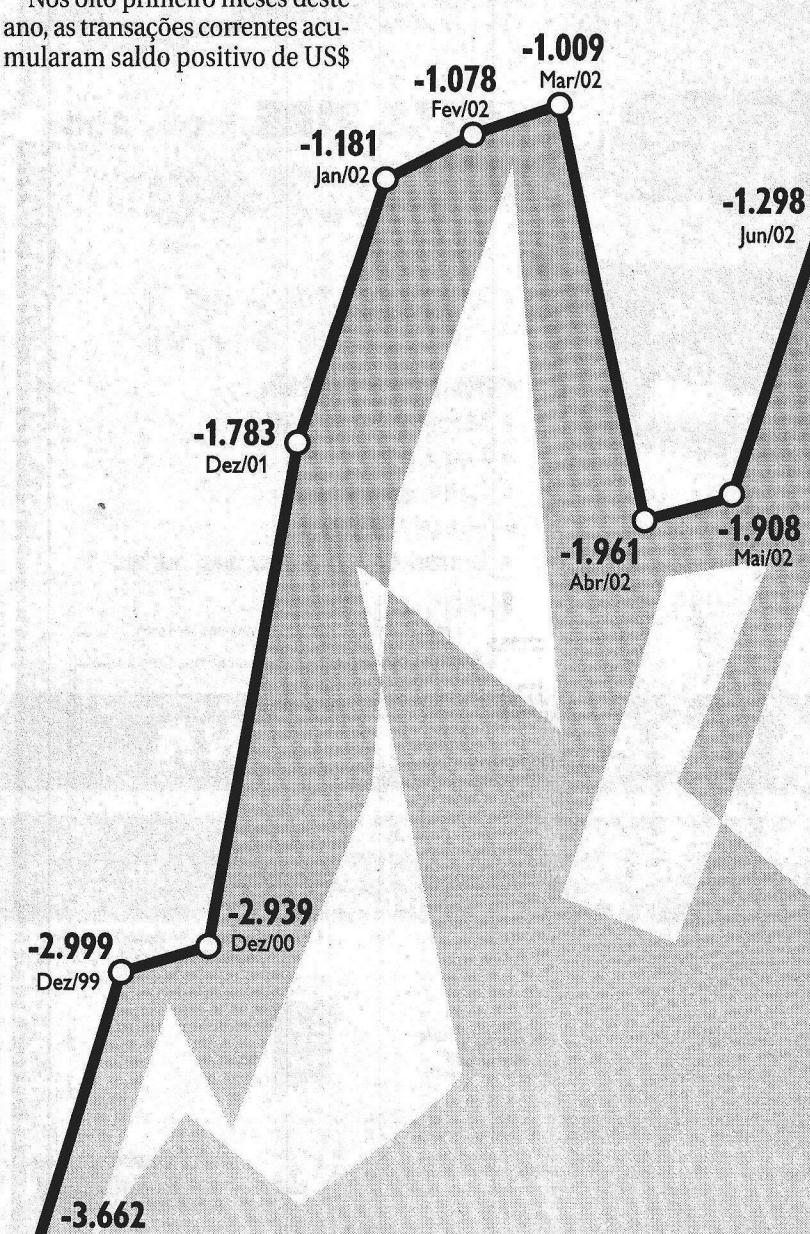
O bom momento das contas

externas — que diminui as pressões sobre o dólar, contém repiques inflacionários e afasta o país dos choques de juros — tem repercutido tão bem entre os investidores, que o mercado nem percebeu as compras maciças de dólares que o Tesouro Nacional vem fazendo para pagar dívidas no exterior. Segundo o diretor de Política Econômica do Banco Central, Afonso Beviláqua, até ontem o Tesouro havia arrematado US\$ 4,94 bilhões no mercado, sem que os preços da moeda norte-americana dessem qualquer espirro com a demanda. O Tesouro pretende pagar mais US\$ 700 milhões até o fim do ano.

A meta do governo é aproveitar a grande oferta de dólares no mercado a preços acessíveis para não mexer muito nas reservas cambiais do país. Dos US\$ 10,098 bilhões em dívidas (principal e juros, inclusive com o Clube de Paris) que

o Tesouro pagará neste ano, US\$ 5,640 bilhões serão quitados com dólares adquiridos no mercado e US\$ 4,478 bilhões sairão das reservas. Isso, de acordo com Beviláqua, explica o aumento do piso líquido das reservas previsto para este ano, de US\$ 14 bilhões para US\$ 16,9 bilhões. É esse o montante de dinheiro disponível ao BC para eventuais intervenções no sistema.

Em 2004, ressaltou o diretor do BC, a meta do Tesouro é comprar US\$ 5 bilhões no mercado para o pagamento de US\$ 11,785 bilhões. "Esse montante, porém, poderá mudar de acordo com a liquidez do sistema", destacou. Seja como for, o Banco Central apostava firme que as reservas líquidas chegarão ao final do ano que vem em US\$ 20 bilhões, reforçando o poder de fogo do governo para conter movimentos especulativos no mercado de câmbio. (VN)



Fonte: Banco Central